

Fundação Cuidar o Futuro

25  
ANOS

DE HISTÓRIA



Fundação Cuidar o Futuro

# Graal

Fundação Cuidar o Futuro  
**25 anos de história**



# Fundação Cuidar o Futuro

Edições Graal  
Rua Luciano Cordeiro 24-6º, 1100 Lisboa

Composição e impressão:  
Grua, Artes Gráficas, Lda.  
Cç. dos Barbadinhos 114-A, 1100 Lisboa  
JAN 83





Fundação Cuidar o Futuro

OS COMEÇOS





# Fundação Cuidar o Futuro

OS COMEÇOS



## 1. Os começos

Terá havido a decisão de um começo? Nenhuma entidade portuguesa pedira a colaboração do Graal, nem internacionalmente, o Graal pensava alargar-se a um país latino, culturalmente tão afastado das raízes originais germânicas. E, apesar disso, o Graal que a Maria de Lourdes encontrou no **Tiltenberg** (Centro internacional do Graal na Holanda), em Dezembro de 1956 e o Graal que, no verão seguinte, a Teresa veio a descobrir em **Grailville** (Centro nacional do Graal nos EUA) — esse Graal ultrapassava a resposta às suas inquietações pessoais.

Respondia ao desejo fortemente sentido por grupos de estudantes católicos, em que ambas estavam inseridas, de uma vivência cristã integradora de novas dimensões. A liturgia celebrada com profundidade e beleza, a reflexão sobre a "especificidade" do ser e do agir das mulheres, a dimensão internacional levada ainda mais longe do que a experiência já adquirida no Movimento internacional de estudantes católicos (Pax Romana) — tudo isso surgia, no Graal, como resposta à procura existencialmente vivida entre estudantes universitárias dos anos 50.

Éramos doze, entre os 18 e os 27 anos, todas estudantes excepto duas. Muitas éramos dirigentes da JUCF e todas entusiasticamente idealistas. Rapidamente, entre os meios católicos de Lisboa, circulou a



notícia do nosso "exotismo", porque rezávamos em inglês! Pura verdade: não havia na altura em português uma boa tradução dos Salmos e nós não queríamos, a custo algum, desistir de tentar viver o ritmo litúrgico que aprenderamos nos Centros do Graal de outros países. Se para isso era preciso soletrar salmos numa língua estrangeira, por que não fazê-lo?

O andar da Avenida Infante Santo, de duas divisões e um enorme terraço com vista para o Tejo, aparecia aos nossos olhos como uma versão portuguesa daquilo a que as americanas chamavam "centros-de-cidade". Para além de um vaivém contínuo de pessoas, eram muitos os círculos que ali se movimentavam:

- o grupo de bíblia, para quem a História da Salvação era uma constante fonte de surpresas, questionamentos e longas horas de discussão;
- o grupo missionário, que da evangelização partia para o estudo das religiões comparadas, na pista do que então se designava por "laicado missionário";
- a preparação da missa de domingo, que passo a passo nos ia revelando uma espiritualidade diferente da perspectiva "moralista", baseada nas encíclicas, característica dos movimentos de leigos daqueles anos;



• e o grupo da mulher, que partia à procura de um paradigma de "feminilidade" em escritores como Edite Stein, Gertrude von Le Fort, Claudel, Mauriac, Gide...

Em encontros e celebrações ocasionais estavam por vezes algumas dezenas de estudantes. Era difícil resistir ao entusiasmo daquele pequeno grupo convicto e militante...

Foi, de facto, um tempo de colheita antes de termos semeado e lavrado o terreno! Para a presidente internacional do Graal daqueles anos — Rachel Donders — nós éramos um "botão a rebentar em flor". Nessa imagem se traduzia algo da confiança e da expectativa com que a comunidade internacional do Graal acompanhou os nossos primeiros passos. A essa confiança e, sobretudo, à inspiração e ao apoio que da própria Rachel recebemos ficámos a dever muito da visão e da coesão que desde o início marcaram a história do Graal em Portugal.

Bem precisávamos, aliás, desse apoio, pois, logo nos começos de 1959, deparámos com uma dificuldade inesperada e inédita na história do Graal: fomos proibidas pelo Cardeal Patriarca de Lisboa de "ter actividades, fazer propaganda e viver em comunidade".

Estranho e doloroso facto esse de vermos impedido pela Igreja aquilo que para nós era um maior compromisso dentro da própria Igreja! Que fazer então? No nosso optimismo de jovens, não nos deixámos desen-

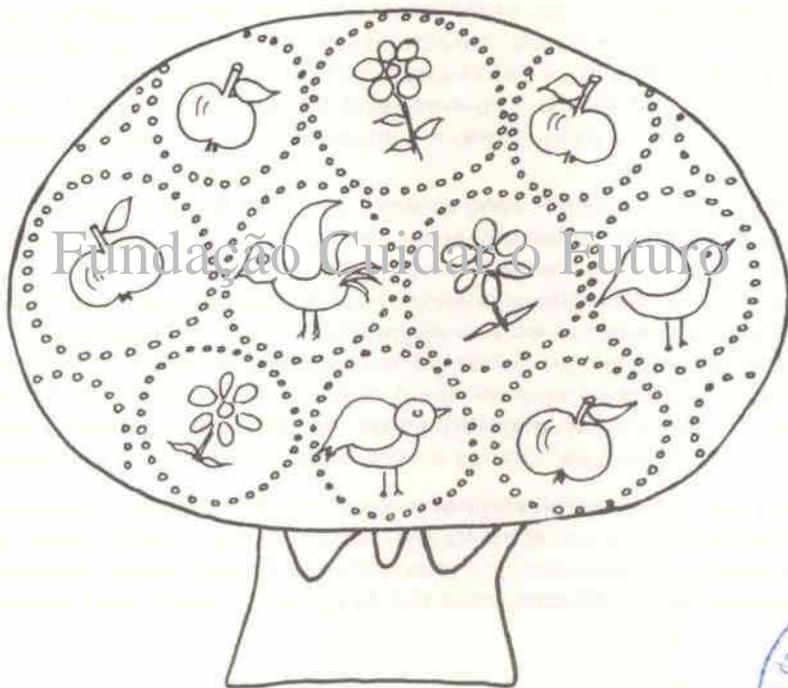


corajar. Se em Lisboa não éramos bem vindas, por que não tomar à letra o Evangelho de Lucas: "quando não vos receberem, sai dessa cidade e sacudi o pó das vossas sandálias"? (Vale a pena dizer desde já que a atitude do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, veio a modificar-se ao longo dos anos. Na Páscoa de 1966 tivemos a alegria de o ouvir dizer-nos que também ele tinha sido tocado pelos "ventos do Concílio" e que o Graal, "tendo passado a prova do Espírito", era agora bem vindo no Patriarcado de Lisboa.)

A verdade é que partimos! Não para longes terras, mas para duas novas dioceses — Coimbra e Portalegre — que nos receberam de braços abertos. Em Outubro de 1961 as duas primeiras equipas "oficiais" do Graal desembarcaram, uma no Largo do Paço, em Portalegre, outra na Rua Sanches da Gama, em Coimbra. Sem conhecidos, sem amigos, sem mobília, sem projectos bem definidos... Foi um salto no desconhecido que exigiu de cada uma de nós talento e capacidades que nunca sonháramos ter. Mas não era isso, afinal, a "aventura" do Graal em que, conscientemente, tínhamos embarcado?



um quotidiano diferente



Fundação Cuidar o Futuro



Um planeta diferente



# Fundação Cuidar o Futuro



## 2. Um quotidiano diferente

**Integração de vida:** expressão chave que nos guiou, através dos anos, na procura de espaços onde pudéssemos descobrir, como mulheres e como cristãs, um sentido novo para o nosso dia-a-dia. Desejávamos converter em ritmo a rotina das tarefas diárias... Procurávamos reencontrar o sabor do acolhimento espontâneo e da convivência gratuita... Esforçávamo-nos por fazer emergir, sempre que possível, a surpresa inédita de acontecimentos e celebrações...

Os Centros do Graal foram os espaços onde fomos tentando novos estilos de vida. Eram andares na cidade, alugados, modestos e simples, onde aquelas que lá não viviam podiam encontrar sempre alguém que as escutasse e uma empatia acolhedora. Neles havia lugar para a oração ou para a discussão viva sobre o que se passava à nossa volta, em Portugal ou no estrangeiro. As notícias de outras equipas revitalizavam as energias e traziam novo ânimo — e só Deus sabe quanto isso era preciso, face à filtragem da informação e ao isolamento internacional que a guerra colonial agravava!

A pontuar a vida do dia-a-dia, havia os **tempos fortes**, a abrir-nos para uma nova esfera, quase a permitir-nos vislumbrar a plenitude de vida que desejávamos. Esses momentos surgiam ora à volta de um acontecimento forte da vida quotidiana, ora num momento especialmente



preparado para essa intenção. Eram, por um lado, as festas, quando alguém fazia anos ou se casava, quando alguém fazia o seu compromisso no núcleo do Graal, quando estava entre nós uma participante do Graal de outro país... Eram, por outro lado, os dias de estudo ou de oração, as semanas de reflexão e aprofundamento, reunindo, por períodos limitados, membros das diferentes equipas.

Durante o ano lectivo, decorriam nos Centros do Graal **programas residenciais**, ora focalizados na vida universitária ora na vida rural. Aí o movimento pendular entre formação e acção nem sempre era fácil. Nem todas conseguiam conciliar o estudo ou o trabalho com os múltiplos acontecimentos que enchiam o dia-a-dia do Centro. No termo, porém, a avaliação das sucessivas "gerações" coincidia sempre num ponto: a formação recebida no Graal era em si mesma uma forma de aprendizagem mais rica e mais útil do que muitas horas de simples estudo académico. Quem passou pela "Dias da Silva", pela "Gomes Freire", ou pela "Afonso Henriques", em Coimbra, ou quem fez estágio no centro de Portalegre guarda, com certeza, dessa etapa uma "marca" funda, qualquer que ela seja.

Um tempo com características próprias foi sempre o **período de verão**: semanas de vivência intensa, onde para além dos programas organizados para o exterior se multiplicavam os tempos de partilha e convívio, onde o **ser** era mais importante do que o dizer ou o fazer. Quem



esqueceu as “férias em conjunto” na Trêmoa, os encontros de Setembro na Quinta de S. Jerónimo, ou mais recentemente, as semanas passadas no Pisão? Falar de um estilo de vida diferente é trazer para a vida muitos dos elementos que nesses momentos privilegiados se viveram: o silêncio e a partilha, o fazer e o lazer, a reflexão e a contemplação...

Porque tempo e lugar são coordenadas indissociáveis, os nossos tempos fortes passaram por **lugares-fortes**, cuja memória ainda hoje nos atravessa o pensamento e os sentidos.

Não conseguimos, ao longo destes 25 anos, beneficiar de um espaço de referência nacional estável (um Grailville ou um Tiltenberg), onde fosse possível voltar ciclicamente, prolongando experiências vividas e recriando-nos na história que outros vão construindo. Esse espaço — o **Centro Nacional** do Graal em Portugal — é ainda hoje, para nós, uma meta à procura de viabilização.

Mas embora essa meta não se tenha ainda tornado realidade, temos que reconhecer que nos foi possível gozar, em períodos decisivos, de espaços que, não sendo nossos, se tornaram pontos de referência fundamentais da nossa história comum. Primeiro, foram os dois anos em Sasoeiros, no moderno Mosteiro cedido pelas Irmãs Beneditinas; mais tarde, os quatro anos centrados na Casa de Oeiras, onde tantos acontecimentos fizeram história. “Se as paredes falassem”...



***Para mim o Graal é...***

*O espaço em que me defino  
A escolha que me limita  
A forma que me congrega  
O quadro em que me encontro inteira  
O concreto em que permaneço  
A opção prioritária  
O passo que me prende  
A dialéctica que prova que existo  
O tempo que me consome  
A energia em que me transformo  
A força com que arrisco  
O alimento que me renova  
O espelho aonde me vejo  
A resposta que ainda procuro  
A interrogação que não sei formular  
O desconhecido que me atrai  
A participação no que me ultrapassa  
O oceano aonde sou gota.*

*Margarida Amélia Santos*



espaços de abertura do novo



Fundação Cuidar o Futuro



# Fundação Cuidar o Futuro



952000929



### **3. Espaços de abertura ao novo**

O Graal que tínhamos visto em pessoas, lugares e acontecimentos, falava de beleza. Era um espaço onde os valores estéticos impregnavam o ambiente e irradiavam de qualquer encontro, iniciativa ou actividade. Daí a importância que, desde sempre, atribuímos à "criação de atmosfera" (como então dizíamos), ao valor simbólico dos gestos e dos objectos, à beleza dos espaços físicos onde o Graal acontecia.

Não admira, pois, que a procura de uma dimensão estética e cultural se tenha tornado um dos vectores importantes da nossa vida. Para cada acontecimento ou celebração importava criar o "contexto" adequado. Intuitivamente, sem o teorizar, procurávamos já, no início dos anos 60, os valores que, nos últimos anos, por toda a parte proclamam o ambiente como fazendo parte da pessoa, no seu movimento contínuo de abertura e interacção com o universo.

Só pouco a pouco viemos a articular, de forma elaborada, a ligação entre a criatividade de cada uma e o impacto cultural dos nossos esforços de conjunto. Dessa articulação nasceram os encontros semanais a que chamávamos "programas de cultura": em Coimbra, entre 1963 e 1974; em Lisboa, a partir de 1968; e em Portalegre, mais esporadicamente, ao longo de todos esses anos.





partimos do vazio absoluto da peça de Becket "A espera de Godot" ou outro em que começámos com a dolorosa incapacidade de comunicar revelada na peça "A Cantora Careca" de Ionesco para chegar ao entendimento da vida de Cristo como plenitude da Esperança ou como Verbo (palavra) feita carne?

Outro aspecto fundamental dos programas era a ligação entre o **cultural** e o **político**. Como os encontros sobre assuntos políticos eram formalmente proibidos, servíamo-nos do contexto das nossas actividades enquanto grupo católico para os integrar. Falávamos de justiça social e de socialismo; denunciávamos o que na sociedade portuguesa era contrário à dignidade humana e aos valores do Evangelho; procurávamos anunciar vias e perspectivas para que o "novo" pudesse acontecer. Basta lembrar, no inverno de 1969, as discussões à volta de "O Pomar das Cerejeiras" de Tchekov e de "O Círculo de Giz Caucásico" de Brecht. No repetir, como simples evidência, a frase de Brecht "o vale pertence a quem o souber fazer florir", apontávamos, já então, para o país novo que queríamos construir: um país sem desigualdades nem discriminações, um país onde a riqueza fosse de todos e para todos...

Com a revolução de Abril os nossos códigos de linguagem tornaram-se obviamente outros. Já não era preciso falar em metáforas, nem valia a pena perder tempo a denunciar os males da sociedade. As



forças políticas sabiam o que não queriam: a dificuldade estava na elaboração de alternativas imaginativas e viáveis. Mais do que discutir princípios e teorias, importava procurar soluções adequadas para os problemas concretos a que o país tinha de fazer face. E para isso era indispensável atravessar camadas e camadas de novos dogmatismos e conformismos!

Cabía-nos, então, pensámos, ajudar a abrir brechas para essas novas perspectivas de pensamento e acção. Daí o termos começado a publicação **Mudar-a-Vida**, que a si mesma se intitula: "um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo", "Experimentação e inovação", "Por uma sociedade ética", "Reflexões sobre o poder", "Necessidades básicas", "Democracia cultural", "Uma nova ordem internacional", "Fé e acção política", são alguns dos títulos publicados. Em proveito de quem? O impacto de Mudar-a-Vida não se mede facilmente. Sabemos, apenas, que ele vai muito para além dos seus mil e poucos assinantes. Quantas vezes vamos encontrar, passando de mão em mão, entre os mais variados grupos, textos (policopiados ou reproduzidos) originariamente editados por Mudar-a-Vida!



# COMPROMISSO COM O POVO

Fundação Cuidar o Futuro





#### 4. *Compromisso com o povo*

Foi claro para nós, desde o princípio, que o Graal não se rege por valores rígidos. Pelo contrário: é no concreto de cada realidade que o Graal se vai moldando e ganhando forma. Daí uma constante adaptação às novas situações e desafios com que cada grupo se vai confrontando.

O começo do Graal na região de Portalegre, em Outubro de 1961, foi vivido neste espírito. À partida tínhamos apenas uma consciência genérica e vaga da discriminação e opressão impostas à grande maioria do povo português. Moviam-nos um ideal de justiça e o desejo de contribuir para a mudança das condições de vida do país, mas estávamos longe de conhecer a extensão dos problemas que iríamos encarar.

O projecto de **promoção humana e evangelização** foi a primeira forma que encontrámos para fazer face às necessidades sentidas. A inspiração inicial veio-nos das técnicas de "desenvolvimento comunitário", vulgarizadas nos anos 50, e baseadas na convicção de que a chave da mudança social é a motivação psicológica e a formação de quadros locais capazes de mobilizar o meio. A essa convicção o Projecto acrescentava a ideia, também corrente na época, de que a evangelização não é possível sem uma base de promoção humana e



que, reciprocamente, a promoção humana abre caminho ao anúncio da "Boa Nova".

O trabalho feito estendeu-se a todos os concelhos do distrito de Portalegre, com algumas actividades ainda para além desses limites. Entre as acções desenvolvidas pelo Projecto contam-se: o lançamento das cooperativas de Fortios (rendas) e Caia (bordados e tecelagem manual), a instalação dos Centros Sociais de S. Cristóvão e S. Bartolomeu, e a animação das mais variadas iniciativas locais. Durante pouco mais de 10 anos, o Projecto ofereceu a possibilidade de estágio (formação-no-terreno) a mais de 100 assistentes sociais e animadoras rurais.

## Fundação Cuidar o Futuro

Em 1968, numa outra região — os arredores de Coimbra — um outro projecto veio canalizar o desejo crescente de irmos mais fundo no conhecimento do "país real". Foi o projecto de **sociologia participada**, lançado em colaboração com uma equipa da Universidade de Roma e envolvendo a colaboração voluntária de cerca de 50 estudantes. Tratava-se de um trabalho de investigação/acção que visava devolver às comunidades locais o conhecimento da sua própria realidade para que sobre ela pudessem exercer um juízo crítico e actuante. A maior dificuldade encontrada foi a impossibilidade de dar resposta às aspirações que a população — à medida que ia tomando consciência das suas necessidades — manifestava. Era a sensação de inacabado que



em todos os trabalhos de índole social nos ficava, nos anos que precederam o amanhecer de Abril...

Simultaneamente, outras iniciativas de âmbito mais restrito procuravam pôr o maior número possível de estudantes em contacto com as classes mais desfavorecidas da sociedade portuguesa. Assim, os **campos de trabalho**, que decorreram de 1962 a 1974, foram para mais de 700 estudantes um laboratório vivo de experiência social. As tarefas executadas cobriram sectores múltiplos e diversificados: o cultivo da terra e a ajuda em outras tarefas rurais; o trabalho em indústrias de conserve da sardinha, de cerâmica e de plástico; a construção de estradas e caminhos locais. Os campos de trabalho foram organizados em cerca de 20 aldeias da região de Coimbra e de Portalegre e em zonas fabris de Olhão, Tavira, Caldas da Rainha e Leiria.

Não bastava, porém, conhecer a realidade. Era preciso que essa tomada de consciência nos levasse a um compromisso sério e pessoal com os mais desfavorecidos, com os pobres e oprimidos da sociedade portuguesa. A nossa abordagem tornou-se, assim, cada vez mais interveniente, motivada pela urgência em devolver ao povo a possibilidade de ser sujeito das suas próprias decisões, sujeito pleno da sua própria história.



Paulo Freire e a sua pedagogia tiveram uma influência decisiva na nossa acção e interpretação dos acontecimentos. Os seus conceitos e a sua metodologia influenciaram grandemente muitos dos nossos projectos.

Em 1968 demos início a um programa de **alfabetização e conscienci-zação**, construído sobre um estudo socio-linguístico das populações e orientado para a conscientização socio-política das mesmas. O trabalho foi orientado por uma equipa de técnicos exteriores ao Graal e nele participaram dezenas de estudantes em regime de voluntariado. As primeiras experiências e a elaboração do material de base fizeram-se na região de Portalegre — Alegrete, Urra, Fortios, etc. Logo a seguir os programas foram ensaiados em zonas urbanas, sobretudo em bairros de lata de Lisboa. Aí as dificuldades do trabalho revelaram-se maiores, dadas as características flutuantes da população e a heterogeneidade dos grupos formados. Em Coimbra, o momento alto da alfabetização foi o verão de 1970. Quarenta estudantes divididos em três equipas animaram cerca de 20 grupos de adultos, a partir das aldeias do Deanteiro, Cabouco e Almalaguês.

Estes programas foram cruciais para o Graal e para muitos dos que com ele colaboraram, encontrando assim uma brecha na fechada situação política daquela época. A gritante injustiça social, a exploração de que o povo era alvo e o absurdo da guerra colonial eram factos



que não podiam continuar a ser postos entre parêntesis. Para o Graal em Portugal tornou-se claro que a situação interna do país estava profundamente ligada com a atitude na comunidade internacional, enquanto potência colonizadora. Só a solução do problema colonial poderia acarretar consigo a solução dos problemas internos com que o país se debatia.

Daí, o processo de **análise socio-política** em que a nível nacional todas as participantes do Graal estiveram envolvidas, entre 1970 e 1973. Regularmente, com uma periodicidade média de seis em seis semanas, reuníamos-nos, em grupos de 30 a 60 participantes, para analisar a situação da sociedade portuguesa e estabelecer cenários possíveis para a sua evolução. A medida que caminhávamos para o fim do processo, o perfil daquilo a que chamávamos o "socialismo utópico" tornou-se cada vez mais nítido, criando em nós uma atitude de expectativa e de empenhamento activo. Foi um processo que para nós culminou, de forma inesperada, no 25 de Abril.

A partir de então, os nossos compromissos com o povo tomaram novas características, resultantes da análise da sociedade que continuávamos a fazer. Cedo nos demos conta de que um conflito iria surgir entre forças políticas com forte carga ideológica e certas zonas da população católica particularmente conservadora, onde até então não tivéramos praticamente nenhuma influência.



Era um novo desafio que se nos punha: pôr a nossa experiência passada ao serviço dessas zonas isoladas do Norte e Centro do país, de modo a perspectivar, à luz do Evangelho, os factos políticos que se sucediam a um ritmo acelerado. Formaram-se então quatro **equipas móveis** que funcionaram durante dez meses e que atingiram cerca de 150 aldeias. O trabalho desenvolvido pelas equipas móveis foi um trabalho flexível e pouco estruturado. Dependeu sobretudo dos talentos e das convicções presentes em cada equipa e do dinamismo potencial encontrado em cada grupo da população. Reuniões mensais permitiam às equipas confrontarem experiências e elaborarem material de trabalho. Foi uma aventura inesquecível que deixou em quem a viveu uma fotografia de contornos nítidos do que era então "o país de que os jornais não falavam"...



Fundação Cuidar o Futuro



criar alternativas





# Fundação Cuidar o Futuro

## 5. *Criar alternativas*

A grande maioria das participantes do Graal esteve profundamente envolvida no movimento popular que tomou forma espontaneamente em todos os locais de trabalho e de vida, durante os dois primeiros anos da Revolução de Abril. Através deste envolvimento foram-se desenhando para o Graal novas metas e novos métodos de trabalho. Face ao "manual" ideológico seguido cegamente por muitos dos que trabalhavam ao nível da base, impunha-se um trabalho que partisse, de facto e não apenas teoricamente, das necessidades e aspirações dos grupos locais. Face ao vazio de certas propostas que se definiam apenas ou sobretudo pela negativa (anticapitalista, anticolonialista, anti-imperialista, antifascista), importava construir projectos bem definidos, através dos quais fosse possível vislumbrar algo da sociedade nova em que queríamos viver...

O primeiro desses projectos foi quase uma continuação directa do trabalho com estudantes que desde os começos do Graal realizávamos. Criado o **Serviço Cívico**, cabia-nos "recheiar" esse ano de disponibilidade com actividades que se situavam na sequência dos nossos programas de alfabetização e animação cultural, campos de trabalho, sociologia participada, etc. Aproveitámos o facto de uma de nós, que era professora, vir a ser "oficialmente" colocada na coordenação do



“serviço cívico” e organizámos em Lisboa postos de trabalho para cerca de cem estudantes.

Mais tarde, quando o serviço cívico se converteu em ano propedêutico, iniciámos em Lisboa e Coimbra programas residenciais de dois meses, a que chamámos **programas de apoio ao ano propedêutico**. Para além do objectivo de ajudar as estudantes a seguir as orientações que lhes eram dadas através da TV, pretendia-se com esta iniciativa criar um quadro de experimentação pedagógica em que o estudo de cada matéria fosse subordinado a uma visão mais ampla da ciência ou da técnica, da arte ou da literatura a que se referia. Participaram neste projecto — primeiro em Almoçageme depois em Oeiras — estudantes vindas de cidades e aldeias de todo o país. Foram para todas meses de visível estímulo à criatividade e ao desenvolvimento do espírito crítico. Para muitas foi, igualmente, uma aprendizagem do trabalho em equipa e da vida em grupo. Na avaliação final feita, verificou-se que os programas tiveram uma influência decisiva na preparação de cada uma para fazer face à instabilidade da vida universitária dos anos que se seguiriam.

De modo idêntico, iniciámos em Outubro de 1977 uma série de programas de **formação residencial** para raparigas do meio rural. Neles participaram — nos Cucos, na Praia Azul e nos Salgueiros — cerca de duzentas raparigas vindas de aldeias do Centro e do Norte do país. Cada programa de duração de dois meses, consistia em unidades de



aprendizagem directamente ligadas aos interesses básicos das participantes: economia, saúde, educação, fé. Regressadas às aldeias de origem, as raparigas procuravam empenhar-se em áreas carenciadas, sobretudo em tarefas de animação de crianças e jovens, reunindo-se, periodicamente, para programarem e avaliarem o trabalho.

Em termos de avaliação global, reconhecemos que a sequência dada aos programas esteve longe de corresponder às nossas expectativas iniciais. Sabemos, no entanto, — e a folha "Animar/Comunicar" aí está a demonstrá-lo — que em todas as participantes ficou uma confiança em si mesmas e uma abertura ao mundo que de outro modo não teriam conhecido. So por isso os programas teriam valido a pena, confirmando a nossa convicção de que a educação não formal é um dos domínios onde o Graal não pode deixar de continuar a investir.

Como seguimento orgânico do projecto das animadoras rurais, foi concebido um novo projecto desta vez especificamente orientado para a animação infantil. Participantes do Graal profissionalmente qualificadas criaram em doze aldeias do Norte centros de animação infantil, localmente orientados por animadoras da própria comunidade. Este trabalho foi referido num relatório da UNICEF como "experiência modelo" dentro do seu género, por duas razões fundamentais: uma, é o papel atribuído à arte como ponto fulcral de todo o desenvolvimento



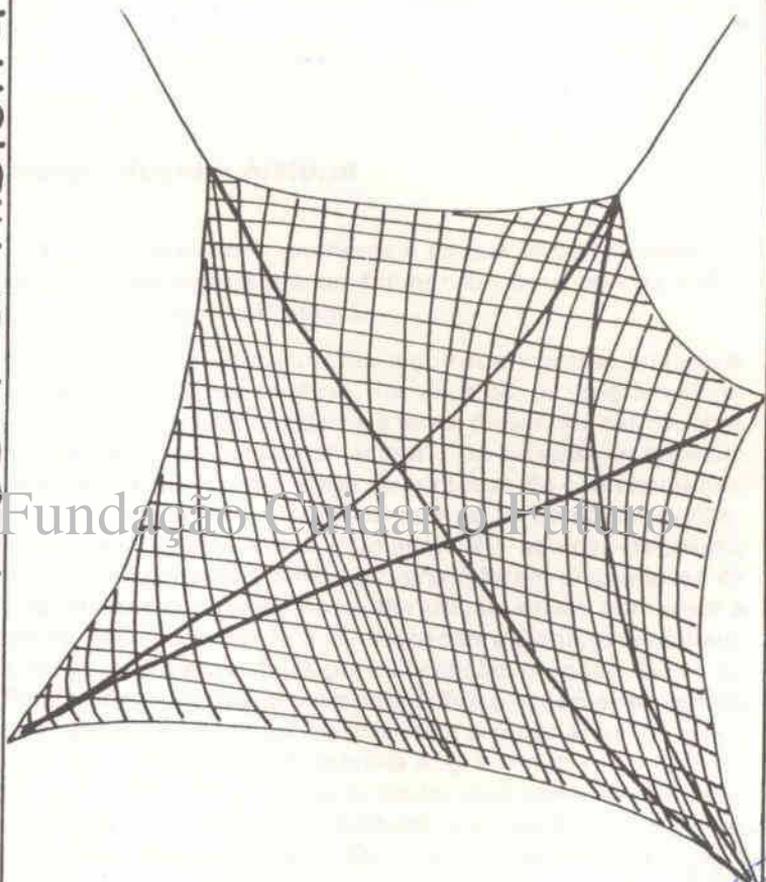
da criança; outra, é o envolvimento das mães e de toda a comunidade local no processo educativo das mesmas crianças. A referência não vale como elogio: é apenas o reconhecimento da seriedade de um trabalho que também entre nós tem sido amplamente reconhecido como uma inovação significativa na nossa estrutura global de educação infantil. Pena é que este tipo de esforços não encontre a nível oficial o eco e o apoio que mereceria...

Projecto inovador será também, numa linha totalmente outra, o **Centro de Convívio e Cultura** ("Terraço"), em fase de lançamento em Lisboa. Projecto urbano, procurando ir ao encontro do vazio e do isolamento que pesam sobre as cidades de hoje, o "Terraço" pretende ser uma encruzilhada de pessoas, ideias, projectos; um centro de reflexão, procura, intervenção. Ainda é cedo para falar dos seus programas ou do impacto maior ou menor que virá a ter. Sabe-se é que, no ponto de partida, está o desejo de o Graal voltar a ser um espaço aberto e actuante na cidade de Lisboa. Os polos rural e urbano são para nós complementares e imprescindíveis. E neste momento todas nos damos conta de que é preciso avivar a esperança na cidade...



mulheres tecem a história

Fundação Cuidar o Futuro





# Fundação Cuidar o Futuro



## 6. *Mulheres tecem a história*

A tomada de consciência das mulheres e da sua força colectiva foi, através de múltiplas expressões, uma dimensão constante na vida e na formulação do Graal em Portugal.

Regularmente, em programas culturais e outros encontros, o tema da mulher era abordado. Basta lembrar, nos anos 60, os programas em Lisboa e em Coimbra sobre "Verdades e mitos do ser mulher" e sobre "Imagem da mulher na sociedade actual". Da reflexão puramente teórica, cedo se passou a uma etapa de tentativa de conhecimento, com mais profundidade, das condições reais de opressão das mulheres no nosso país. Assim, em princípios de 70, equipas de jovens profissionais de Lisboa e de Coimbra empreenderam uma análise da **imagem da mulher** nos meios de comunicação social, com vista à verificação da inter-acção entre a ideologia sobre a mulher veiculada por cada mass-media e as ideias pré-concebidas de quem lê, vê ou escuta. Pouco tempo depois, o programa sobre o **orçamento-tempo** (grelha de análise que cada mulher aplicava a si própria) permitiu aos mesmos e a novos grupos darem-se conta do grau multi-funcional das ocupações das mulheres e das prioridades que orientam as suas escolhas diárias. Pena é que não tenhamos chegado a publicar os resultados e as reflexões feitas... (Do imenso material que temos



criado, muito pouco tem passado, aliás, para além dos nossos arquivos, o que impede outras pessoas e grupos de beneficiarem dos conhecimentos e da experiência adquiridos.)

Face à democratização trazida pelo 25 de Abril e perante a consciência generalizada de que a opressão das mulheres está directamente relacionada com a situação da sociedade em geral, encontramos um momento justo para dar forma a um projecto sistemático de consciencização de mulheres, desta vez em meio rural.

Foi o projecto de **animação socio-cultural** com mulheres rurais, que se desenvolveu simultaneamente em aldeias dos distritos de Coimbra e do Porto, com a participação de algumas centenas de mulheres.

As equipas do Graal assumiam nos grupos o papel de "detonadoras" da consciência da realidade. A consciência da opressão já lá estava: as mulheres sentiam na pele a dureza das suas próprias vidas. Faltava, porém, a capacidade de dar expressão àquilo que viviam. O processo de consciencização veio a traduzir-se na progressiva tomada da palavra por parte de cada membro do grupo. Ao dizer-se, cada mulher se descobria e descobria o mundo à sua volta. Daí que não tenham tardado a aparecer sucessivas folhas de comunicação escrita: primeiro "Vivendo-Comunicando", depois "3 x M" (Mulheres Mudam o Mundo) e, mais recentemente, MAPA (Mulheres A Preparar o Amanhã).



Os programas construíram-se na base das necessidades mais sentidas: saúde, educação, alfabetização (uma alfabetização que dizia pa-ne-la, en-xo-val, ma-ri-do), direitos das mulheres. Usaram-se métodos vivos: quem esqueceu o folhetim gravado sobre as relações familiares, a história das elefantas cor de rosa ou a parábola da Clementina?... Como material de apoio, publicaram-se fichas, cadernos, cartazes. Tudo isso para fazer crescer a responsabilidade, a iniciativa, a acção transformadora dos grupos que se iam formando. Assim se compreende que, mais tarde, uns grupos tenham posto de pé cooperativas, outros tenham multiplicado os encontros de conscientização, outros ainda tenham vindo a reencontrar valores da sua cultura rural, como é o caso da Ereira, onde se começou a organizar um museu local.

## Fundação Cuidar o Futuro

Outro aspecto da intervenção do Graal neste domínio foi, ao longo dos anos, o equacionar das questões relativas à experiência da fé para as mulheres do nosso tempo... Numa Igreja dominada por um forte pendor patriarcal, onde o peso da "instituição" tende a primar sobre a experiência da "comunhão", o Graal foi, para muitas centenas de mulheres, o espaço que tornou possível a passagem de uma fé adormecida a uma fé consciente e adulta.

O pensamento que decorre da prática existencial do Graal como movimento de mulheres cristãs, foi progressivamente desdobrado, através de múltiplos artigos, colóquios, conferências. Fruto desse



pensamento, só aparentemente disperso, são dois livros de Maria de Lourdes Pintasilgo recentemente publicados: "Imaginar a Igreja", que reúne artigos introdutórios do Boletim "Igreja-em-Diálogo" e "Novos Feminismos — interrogação para os cristãos", síntese de uma série de conferências feitas no Instituto Católico de Paris, em Março de 1979.

Na convergência da acção e da reflexão em torno das coordenadas **mulher/fé/alternativas sociais**, o Graal vê ainda hoje uma das suas metas prioritárias. De facto, se a tomada de consciência das mulheres é cada vez mais reconhecida como uma das forças potencialmente mobilizadoras da acção para a mudança, que dizer da conjugação desse potencial com a força transformadora do Evangelho?

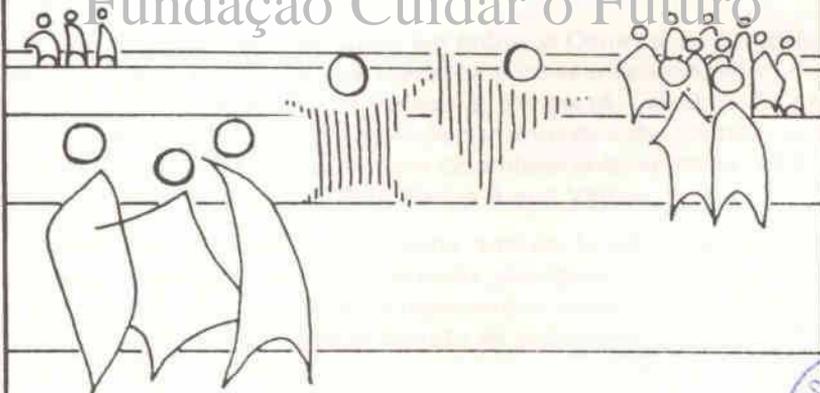
Foi essa a intuição primeira que esteve na origem do Graal, na Holanda dos anos 20. Essa será, sem dúvida, a linha de rumo que nos guiará na procura de caminhos futuros.

Fundação Cuidar o Futuro



# a Palavra às Jovens

Fundação Cuidar o Futuro





## 7. A palavras às jovens

Dar a palavras às jovens seria fazê-las recordar o sem número de momentos vividos em convívio, empenhamento, aprendizagem — ou, outras vezes, em surpresa, perplexidade, contestação... —, através das múltiplas actividades e programas que, ao longo dos anos, **com as jovens e para as jovens**, o Graal foi organizando.

As “Cartas de Notícias”, a registar testemunhos, não faltam: umas, a contar experiências dispersas, vividas aqui ou além; outras, como foi o caso da “Onda” e do “Ponto e Vírgula”, a descrever o percurso de uma geração dada

## Fundação Cuidar o Futuro

Com jovens se fez a vida do Graal em todos os Centros, ao longo dos primeiros anos; com jovens se continua a tecer o vaivém diário das equipas de Portalegre, Torres Vedras e, em parte, Coimbra. Só em Torres, onde o Graal não tem mais de oito anos de vida, contam-se já duas gerações de adolescentes com identidade própria: as do “Meter a Mão na Massa” e as do “Pelo Sonho é que Vamos”!

É verdade que o trabalho com jovens, sobretudo adolescentes, tem sempre os seus altos e baixos. Entre nós, ele assumiu estilos e características diferentes conforme os momentos e as pessoas envolvidas. Houve alturas em que predominaram as actividades programadas;



outras em que se deu lugar a iniciativas espontâneas. Em certos períodos, os grupos de adolescentes encontravam-se regularmente, em programas orientados para a sua formação pessoal e para a sensibilização ao meio social. Noutros, deu-se prioridade ao empenhamento em tarefas concretas (serviços em creches, jardins de infância, etc.), procurando que a formação se fizesse através da reflexão sobre a acção.

Entre jovens universitários, o ponto de encontro privilegiado foram, como atrás se disse, os programas culturais, em Coimbra e Lisboa. Mas, dos grandes encontros passava-se muitas vezes aos pequenos grupos, reunidos em torno de um interesse comum. Um exemplo que, embora de duração curta, foi bem vivo na memória de todos foram os "grupos de análise crítica", formados por estudantes de várias faculdades. A partir de situações seleccionadas pelo próprio grupo, desenvolvia-se um processo de análise sistemática dos factores em causa, conduzindo a uma tomada de consciência progressiva dos mecanismos presentes na formação de um juízo ou de uma opinião.

Em férias, os programas com jovens sucediam-se a um ritmo quase sem interrupção.

Em Junho e Julho, eram os **campos de férias** com adolescentes — campos na Trêmoa, Sassoeiros, Almalaguês, Eirol, e tantos outros lugares. Aí, durante duas ou três semanas, gente nova de vários liceus



do país explorava junta os caminhos que vão do eu ao mundo e do mundo ao eu. Os laços criados prolongavam-se em amizades sólidas e alimentavam o dinamismo dos novos grupos que ano a ano se sucediam.

Em Agosto, o polo aglutinador eram os **campos de verão** com universitárias. Quem esteve na Fuzeta, em Milfontes, em Sagres ou na Arrábida sabe que aí lhe foi dado viver uma experiência de "quase" plenitude, que o tempo não apaga da memória. Para além do conteúdo dos programas, havia a beleza do enquadramento natural escolhido, convite a "cortar amarras" e a ir longe na descoberta de novas vivências e novos horizontes...

Simultaneamente, o Graal incluiu nos calendários de férias, durante vários anos, encontros europeus, que reuniam adolescentes e jovens de dois ou mais países. Bagnères de Bigorre e Marignac, em França, Palmi e Tarquinia, na Itália, foram alguns dos lugares onde jovens europeias do Graal se confrontaram, na procura das pontes e dos escolhos que marcam o encontro entre diferentes nacionalidades e culturas.

Maior continuidade tiveram as experiências de intercâmbio entre universitárias portuguesas e alemãs, organizadas através do Centro do Graal em Mülheim. O objectivo fundamental era o conhecimento do país e a aprendizagem da língua, mas para permitir que a experiên



cia individual fosse enriquecida pela experiência do conjunto, a estadia em famílias era precedida e seguida por dias de preparação e avaliação em comum. Não admira, pois, que ainda hoje se recebam telefonemas a perguntar se estes programas se mantêm!

A dimensão internacional foi, aliás, uma componente fundamental de todos os programas de verão que o Graal, desde 1961, tem vindo a realizar em Portugal. Europeias, americanas e, em alguns casos, jovens de outros continentes, participaram, ano a ano, nas nossas férias, na nossa reflexão, nos nossos trabalhos de construção do país e, sobretudo, na nossa "construção" de nós mesmas. Sem elas, tudo teria sido mais pobre. Basta, por vezes, recordarmos o reportório de canções internacionais que fomos acumulando para nos darmos conta da diversidade dos momentos vividos e das pessoas encontradas!





anunciar e celebrar a fé





# Fundação Cuidar o Futuro

## 8. Anunciar e celebrar a fé

Chegamos, finalmente, ao âmago de todos os esforços e tentativas feitas nestes 25 anos: uma fé renovada, como procura pessoal e como acto comunitário. Tal o objecto subjacente a toda a nossa procura e toda a nossa actuação.

A formação herdada da Acção Católica sensibilizara-nos, à partida, para a necessidade de uma formação teológica intensiva, de que a iniciação bíblica se veio a tornar um pilar fundamental. A beleza da vida litúrgica experimentada em Grailville e no Tiltenberg, fez-nos penetrar no mundo dos símbolos, levando-nos a dar à celebração do ano litúrgico o maior dos nossos esforços e da nossa criatividade.

Vivemos intensamente o período do Concílio Vaticano II: os seus principais teólogos tiveram um forte impacto na nossa formação e alimentaram durante largos anos a nossa fé. Durante esse período, era frequente ser-nos pedido por bispos e padres de várias dioceses que orientássemos sessões de trabalho sobre os documentos conciliares, participando com outros grupos no seu estudo e divulgação. Mais tarde, algumas de nós vieram mesmo a fazer parte do corpo docente dos cursos de actualização do clero, a nível nacional. Foram momentos de abertura da nossa Igreja ao movimento renovador trazido pelo espírito conciliar!



Em termos de formação bíblica trabalhámos, nos primeiros anos, em grupos de estudo de iniciação, com a ajuda de especialistas do exterior ou orientados por algumas de nós com maior preparação. Mais tarde tornámo-nos mais conscientes da Bíblia como narração de acontecimentos, acolhidos pela comunidade dos crentes e, assim, continuamente reinterpretados. Nesse espírito, desenvolvemos a prática dos **círculos bíblicos**: grupos de cerca de quinze pessoas a quem eram enviados, semanalmente, esquemas para reflexão e interpelação mútua. A partir de um acontecimento-chave da semana, lançavam-se perguntas-de-desafio para estimular a discussão. A leitura do Evangelho situava o acontecimento à luz da Boa Nova de Jesus Cristo. No ar ficava a pergunta: qual o significado evangélico deste acontecimento, para nós, hoje?

Um outro elemento importante da nossa própria formação e da formação de muitos outros cristãos foi a publicação de **Igreja-em-Diálogo**, boletim que atingia cerca de mil assinantes, reproduzindo artigos de relevância sobre um tema dado. Cada boletim era introduzido por um editorial que fazia a ligação do tema com a nossa realidade social e eclesial. Durante algum tempo, fizeram-se, em diferentes cidades, reuniões de assinantes de Igreja-em-Diálogo. Eram, no dizer de alguns, "uma lufada de ar fresco", sobretudo em zonas onde os estímulos à reflexão cristã quase não existiam.



Porque a reflexão teológica permanece para nós uma das dimensões integradoras da experiência da fé no mundo de hoje, não desistimos de procurar formas novas e actualizadas de a introduzir nos contextos onde nos movimentamos. Dessa preocupação surgiram, nos dois últimos anos, as **jornadas teológicas**, realizadas em Lisboa, nos períodos do Natal e da Páscoa. Com a colaboração de teólogos franceses, foi possível ir a fundo no debate sobre questões de importância vital para quem quer que se interroge sobre o sentido da existência: "Uma nova linguagem sobre Deus" e "A experiência da fé, hoje".

Ponto alto da nossa vivência cristã têm sido sempre as **celebrações litúrgicas** com um ênfase muito especial na vivência comunitária do Tríduo Pascal (os habitualmente chamados "programas de semana santa"). Um entrelaçar subtil da nossa própria cultura e do culto que vamos celebrar, o uso inesgotável da poesia e de canções portuguesas, a imaginação que leva a encontrar de cada vez os símbolos apropriados ao lugar e ao tempo, ao grupo e ao tipo de celebração, levam-nos a dizer que, em Portugal, como em qualquer outro país, é nas celebrações que o Graal dá o melhor de si mesmo.

Não é, certamente, fácil fazer uma afirmação destas num país com uma percentagem baixa de cristãos praticantes, no meio de uma sociedade não religiosa e secularizada, face a uma "cristandade" de tradição e de origem sociológica. Estaremos nós a fabricar para nós



próprias uma ilusão, ao pretender celebrar a fé como (e citamos palavras de Vaticano II) "a fonte e o vértice de toda a nossa vida"?

Não negamos a ambiguidade desta questão e é talvez por isso que de cada vez nos debatemos com a procura de formas autênticas para tornar sensível o que por natureza é inatingível e transcendente. Até onde nos levam os nossos esforços, não o sabemos. Sabemos apenas que, para muitos conhecidos e amigos, o Graal é o único "espaço de celebração" onde se sentem Igreja e onde a linguagem da fé guarda sentido e actualidade.

## Fundação Cuidar o Futuro



"Pertencço onde sou precisa"



Fundação Cuidar o Futuro



Deleito onde son discido



# Fundação Cuidar o Futuro

## 9. "Pertença onde sou precisa"

"I belong where I am needed". O título não é nosso: é de um livro de uma australiana do Graal — Elisabeth Reid —, publicado em fins dos anos 50. Se ainda hoje nos servimos dele, é porque a expressão era usada como "mote" sempre que queríamos exprimir a universalidade do espírito que nos animava.

Com efeito, mais do que uma simples federação de agrupamentos nacionais, o Graal surgiu-nos desde o início como uma grande família de dimensão planetária, onde era possível reconhecermo-nos e identificarmo-nos para além das diferenças de raça, de nação e de cultura. Daqui decorre a consciência que sempre tivemos de ser parte de um movimento transnacional. Não vemos, nem nunca vimos no Graal um somatório de países. Vemo-nos como parcela de um todo mais amplo, onde a realidade nacional se transcende e ganha dimensões novas.

Em termos concretos, este desejo de universalidade traduziu-se num constante vaivém de pessoas e ideias, ao longo de toda a nossa história Graal. Terá sido raro ver passar um ano sem que várias portuguesas tenham passado períodos mais ou menos longos em Centros do Graal de outros países. Nuns casos, como tempo de formação e aprofundamento, noutros, como parte do seu empenhamento na



visão e na missão comuns. Para algumas o desejo de partir ter-se-á posto sobretudo em termos eclesiais; para outras, em termos mais genéricos de solidariedade humana, num mundo cada vez mais interdependente.

Em contrapartida, procurámos não deixar fugir nenhuma oportunidade de termos entre nós participantes do Graal vindas de outros países. Umias vieram e ficaram por vários meses ou anos; outras permaneceram apenas o tempo breve de um programa de verão ou de uma festa comunitária; outras ainda enraizaram-se e são hoje parte do nosso corpo permanente. Em todos os casos, trouxeram consigo novas perspectivas e novas capacidades, que enriqueceram, decisivamente a vida do Graal no nosso país.

## Fundação Cuidar o Futuro

Para alimentar e reforçar a nossa universalidade contribuíram, de modo especial, os encontros do Graal internacional realizados dentro das nossas fronteiras. Durante alguns anos foram apenas encontros de grupos de trabalho restritos, de que o mais alargado foi a preparação da Assembleia Geral de 1971, em Sassoeiros. A partir de 1974, foram reuniões mais amplas, abertas a participantes do Graal de todos os países. Entre esses, vale a pena salientar o "think-group" sobre Conscientização, em Coimbra, no verão de 73; a semana de estudo sobre "A Nova Igreja", em Caparide, em Setembro de 74; o Encontro do Núcleo, na Cortegaça, em Julho de 76; a reunião do Conselho



Internacional, em Sassoeiros, em Agosto de 77; e, finalmente, a Assembleia Internacional de 79, na Figueira da Foz.

Em termos de participação nas estruturas de direcção e coordenação do Graal internacional, também o nosso contributo se fez sentir de forma empenhada e consistente. Para além dos órgãos colegiais em que por direito próprio nos fazemos representar (Assembleias internacionais e Conselho internacional), fomos escolhidas, entre 1964 e 1977, para todos os órgãos colectivos eleitos do Graal internacional (Equipas internacionais e Conselho do Núcleo).

Nos últimos anos, contactos com várias "redes" informais de comunicação com pessoas e grupos de vários países, polarizados em torno de interesses comuns (mulher, educação de adultos, alternativas de vida, etc.), permitiram-nos alargar e reforçar a consciência que temos de que a sobrevivência da humanidade passa pela capacidade que tivermos de pensar e construir o futuro, não à escala das pequenas unidades nacionais que somos, mas à escala do planeta.

Será exagerado dizer que esta convicção é já, para nós, uma antecipação daquilo a que, em linguagem técnica, se chama hoje uma "nova ordem internacional"? Talvez seja... Mas é da força de tais convicções que o Graal retira a visão mobilizadora que o faz caminhar. Não é a lenda do Graal uma expressão ainda viva do mito da procura humana nunca satisfeita?



## **Índice**

1. Os começos
2. Um quotidiano diferente
3. Espaços de abertura ao novo
4. Compromisso com o povo
5. Criar alternativas
6. Mulheres tecem a história
7. A palavra às jovens
8. Anunciar e celebrar a fé
9. "Pertença onde sou precisa"

Fundação Cuidar o Futuro



*Centros do Graal em Portugal*

# Fundação Cuidar o Futuro

Av. Afonso Henriques 28-3º, **3000 Coimbra** — tel: 78997

Rua Luciano Cordeiro 24-6º, **1100 Lisboa** — tel: 574915

Rua do 31 de Janeiro 84, **7300 Portalegre** — tel: 21375

Rua do Cunha 361-2ºDto, **4000 Porto** — tel: 496437

Av. Gen. Humberto Delgado 1-4ºDto, **2560 Torres Vedras**

— tel: 22389



# Fundação Cuidar o Futuro



Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro